

COR NA UFMT: PERFIL DE ALUNOS DE HISTÓRIA, ECONOMIA E DIREITO

SANTOS, Cássia Fabiane dos – UFMT

GT: Afro-Brasileiros e Educação

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

A UFMT tem poucas informações sobre o perfil de seus alunos.

A partir da quase inexistência destes dados e devido ao interesse em compreender melhor a existência do grande desnível no tempo de escolaridade entre brancos e negros, com prejuízos para os últimos, propôs-se mapear a trajetória escolar de alunos que ingressaram no período de 1998 a 2002 em três cursos desta universidade: História, Economia e Direito.

A princípio, pretendia-se mapear todos os cursos da área de Ciências Humanas e Sociais, mas, à medida que as dificuldades foram surgindo, optou-se por estes cursos: História, Economia e Direito, partindo do pressuposto de que neste último, teria poucos negros e, nos outros dois, a presença do negro seria mais representativa.

A pesquisa foi realizada em duas fases: na primeira buscamos localizar os alunos negros, traçando o seu perfil e, na segunda, realizamos entrevistas com os mesmos. Neste artigo apresentaremos o primeiro momento da pesquisa.

Para conhecer o universo a ser pesquisado buscou-se os arquivos dos alunos na CAE (Coordenação de Administração Escolar), onde ficam arquivadas as pastas com todos os dados dos alunos: fotocópia dos documentos pessoais, histórico escolar, certificado de conclusão do Ensino Médio, foto 3x4 e todos os processos solicitados pelos alunos desde uma dispensa para a aula de Educação Física até um possível trancamento de matrícula¹. Essa organização encontra-se até o ano de 2001 porque nos anos seguintes, as pastas passaram a ser dividida por curso e turma, contendo somente a ficha de matrícula, cópia do certificado de conclusão do Ensino Médio e cópia da carteira de identidade.

Tendo escolhido os cursos, passou-se a fase da elaboração de um corpo de informações sobre o ingresso, localização e permanência dos alunos negros. Para isso,

¹ Não se tem, oficialmente, uma data precisa de quando a UFMT começou a pedir a fotografia 3X4 como documento para efetivação de matrícula. Segundo funcionários do setor, isto ocorre desde a sua fundação em 1970.

foi elaborada uma ficha com alguns critérios a serem observados em cada pasta dos alunos, de forma a obter um perfil mais sistematizado dos mesmos:

NOME	NÚMERO DE MATRÍCULA	COR	DATA NASCIMENTO	LOCAL NASC.	ANO QUE CURSOU E. MÉDIO.	LOCAL QUE CURSOU E. MÉDIO	CURSO DO E. MÉDIO	3º GRAU- ANO INGRESSO	COR CERTIDÃO NASCIMENTO	OBS
------	---------------------	-----	-----------------	-------------	--------------------------	---------------------------	-------------------	-----------------------	-------------------------	-----

Para classificar a “cor” de cada aluno foram analisadas as fotografias 3X4 contidas em suas pastas e se procedeu como Teixeira (2003a), utilizando as categorias de cor oficiais do IBGE como base (branco, amarelo, preto, pardo e indígena), acrescidas de uma outra categoria intermediária (mulatos), que, segundo esta autora, possibilitaria uma “ampliação do debate” (p. 36). Para ela, é exatamente esse grupo “mulatos” que talvez “represente o maior problema de uma classificação racial no Brasil” (p.36). Assim, utilizaremos pardos e mulatos, seguindo um critério de gradação de cor, em que os primeiros seriam mais claros e os segundos mais escuros.

Para isso, levou-se em consideração a cor da pele que apresentavam nas fotos, bem como traços e formato dos olhos, lábios e nariz e o tipo de cabelo, pois conforme Oliveira (1999), “é a tais características físicas que são atribuídas significados sociais, dando origem ao estigma que é a fonte de discriminação” (p.48).

Foram pesquisados documentos de 1.063 alunos dos três cursos. Destes, 617 não possuíam fotografia, seja porque a CAE, a partir de 2001, passou a não solicitar como documento obrigatório a ser entregue para efetuar matrícula, seja por extravio. Para não ficar com este grande número de alunos sem identificá-los enquanto categorias raciais procurou-se nos departamentos de cada curso possíveis documentos com fotos, verificou-se na Biblioteca dos cursos se estes alunos possuíam carteira que ali lhe dava acesso, mas não se obteve êxito. Esgotadas as formas de conseguir incluir esta categoria “sem foto” nos dados, decidiu-se trabalhar com o número de 444 alunos classificados por cor. Acredita-se que isso não tenha prejudicado a amostra, uma vez que este é um número significativo.

1. As Categorias de Cor

Definir a cor ou raça de alguém não é tarefa simples. Segundo Hall (2002) a cor de um ser humano é sempre presumida, uma vez que cor é uma categoria classificatória, criada culturalmente. Para ele, a atribuição ou a auto-atribuição de cor é a tentativa de situar um sujeito em um contexto social usando uma presumida aparência

para posicionar o referido sujeito nas relações de poder como dominante, subalterno, igual, diferente.

Nos censos demográficos brasileiros, a informação acerca da cor é obtida a partir ou da auto-definição do indivíduo ou de informações prestadas por terceiros. Wood (1991), afirma que os censos constituem “a única fonte de informação, em nível nacional, sobre a composição racial da população brasileira” (p.93), pois possibilitam relacionar as variáveis socioeconômicas – educação, renda, ocupação etc. pelos agrupamentos raciais, o que segundo Brandão (2003) oferece elementos imprescindíveis para a compreensão da lógica nacional de produção e reprodução das desigualdades sociais.

Assim, esta pesquisa, baseou-se nas categorias do IBGE, por representar “um indicador bastante confiável da maneira pela qual os entrevistados se autoclassificam com relação à cor” (OLIVEIRA, 1985, p.10). Traçou-se um paralelo entre a cor atribuída aos alunos pela pesquisadora e a categoria escolhida por eles próprios. Tendo uma primeira classificação feita pela pesquisadora, buscou-se, através da entrevista, a categoria na qual estes alunos se enquadram, caracterizando uma auto-identificação.

Desta forma, obteve-se a seguinte tabela:

NOME	CURSO	PESQUISADORA	AUTO-IDENTIFICAÇÃO
L.G.S.L.J.	História	Parda	Negra
R.A.A.	História	Mulata	Indígena
E.G.A.N.	História	Mulata	Parda
S.D.A.	História	Preta	Negra
A.C.S.B.	História	Preta	Negra
G.E.F.S.	História	Mulata	Indígena
R.V.I	História	Parda	Parda
D.R.R.	História	Mulata	Parda
I.A.O.	História	Preta	Preta
M.D.M.	História	Mulata	Árabe
P.A.F.	Economia	Preta	Negra
E.M.S.	Economia	Preta	Preta
F.S.	Economia	Mulata	Parda
J.F.C.	Economia	Preta	Parda
P.L.S.	Economia	Mulata	Negra
M.G.P.	Direito	Mulata	Negra
A.M.G	Direito	Parda	Branca
F.F.S.	Direito	Parda	Branca
A.L.F.B.	Direito	Preta	Negra

Dos dezenove alunos entrevistados, apenas três se auto-identificaram, de forma direta, segundo a classificação da pesquisadora. Quatro entrevistados se auto-identificam enquanto negros, mesmo sendo mencionada pela pesquisadora, seguindo as categorias do IBGE, a categoria preta. Parece haver uma recusa crescente ao termo

preto, que também possui uma carga semântica negativa, em favor de negro, categoria que tem aumentado proporcionalmente nas declarações espontâneas nas pesquisas realizadas pelo IBGE. Schwarcz (1987) mostra como em fins do século XIX os termos negro e preto eram usados em contextos bem distintos: negro era aplicado aos insubmissos, capoeiras e quilombolas e àqueles que se recusavam à dominação branca e à adesão ao ideal de brancura imposto pela brasilidade; enquanto preto era reservado aos escravos e alforriados submissos, que se contentavam com a posição subalterna e se esforçavam para cruzar as portas do “mundo dos brancos”.

Portanto, em um contexto de fortalecimento do movimento social e de valorização da negritude, não é de se surpreender algum grau de recusa a ser preto e a opção por ser negro. Todavia, do ponto de vista da classificação, esse contraste entre preto e negro não chega a ser um problema. Se considerarmos a categoria preta igual a negra, seriam sete entrevistados que se auto-identificariam conforme a pesquisadora.

O que mais chama a atenção é que alguns alunos se identificam escolhendo uma cor mais clara do que a mencionada pela pesquisadora. Osório (2003) explica que

Teoricamente, tal fato seria explicado pela noção da etiqueta das relações raciais apontadas por Nogueira (1985) e pelo ideal de brancura, que é um valor prezado na sociedade brasileira. (...) se quanto mais preto pior, ver o preto como pardo e o pardo como branco torna-se uma ‘gentileza’ à luz da ideologia racial (p.17).

Tomemos como exemplo o aluno de Economia, J.F.C. Ele foi classificado pela pesquisadora como sendo da categoria preta, no entanto, ele se identifica como sendo da categoria parda. Isto se dá, segundo Fernandes (1978) porque o negro

deixa de ser ‘preto’ ou ‘mulato’ para muitos efeitos sociais, sendo encarado como ‘uma figura importante’, ou ‘um grande homem’... Vê-se, assim, compelido a desfigurar-se material e moralmente. Tem de submeter-se, previamente, ao ‘figurino do branco’. E, se isso, não bastasse, precisa conformar-se aos papéis sociais ambíguos do ‘cavalheiro por exceção’, em todas as circunstâncias sujeito a dar provas ultraconvincentes de sua capacidade de ser, de pensar, e de agir como equivalente moral do ‘branco’. Em suma, condena-se a negar-se duplamente, como indivíduo e como parte de um estoque racial, para poder afirmar-se socialmente (p.267).

Souza (1983), complementa ao dizer que o negro não possui uma identidade positiva porque “nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negróide e

compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra” (p.77).

Ao serem utilizados os termos pardo e mulato, pretendia-se, assim como Teixeira (2003a), entender, na hora das entrevistas, as sutilezas do sistema de classificação. Pôde-se constatar que é mais fácil o mestiço mais claro (pardo) se identificar como branco que o mestiço mais escuro (mulato). Um exemplo são os alunos de Direito A.M.G. e F.F.S. Eles foram classificados como pardos e se auto-identificam como brancos. Não tendo entrevistado nenhum aluno classificado pela pesquisadora como mulato que tenha se classificado como branco, podemos considerar que os pardos são os que têm mais essa possibilidade.

Esta tendência de optar por uma cor mais clara pode ser observada, também, nos dados do Censo Étnico-Racial da UFF e UFMT. Na pergunta aberta sobre identidade racial 54,2% dos que se declararam negros, preferem declarar-se pardos, quando são oferecidas as categorias do IBGE. A recusa pelo termo preto fica evidente à medida que deste total, apenas 38,3% escolhem esta categoria. Parece que a aceitação pelo termo pardo é bastante significativa na universidade porque 71,1% dos que responderam mestiços afirmam serem pardos na classificação do IBGE.

Esta categoria, apesar de ser bem aceita por alguns dos nossos entrevistados, é considerada por outros como sendo *estranho*, como um *branco meio pálido, meio termo*.

Este dado se torna ainda mais interessante quando se analisa que, mesmo sendo considerados pela pesquisadora como mulatos, dois alunos se auto-identificam como indígenas e um como árabe. A opção pelo termo indígena, acredita-se, se dá por um dos recursos mentais que alimentam a imaginação nacional: o mito de criação do país segundo o qual a nacionalidade surge como o resultado “feliz” da mistura de três raças: a européia, a indígena e a negra. A hierarquia seguia exatamente esta ordem. Os brancos superiores, os índios guerreiros e os negros, inferiores. Sendo assim, se torna muito mais fácil assumir-se enquanto indígena do que enquanto negro. Neste caso, enunciar-se “indígena” talvez explicita uma tentativa de construção de um lugar mais valorizado socialmente que o de “negro”.

Na UFMT, segundo o Censo Étnico-Racial, há 43 alunos indígenas. É significativo que aproximadamente 60% deste total, também se identifiquem como negros.

É interessante observar que se tem, aqui, duas situações. Nesta pesquisa, coletou-se depoimentos de alunos classificados como mulatos que revelaram uma identidade indígena e, no Censo da UFMT, há, por parte dos indígenas, um “desejar ser negro”. Neste caso, pode-se tentar compreender este “movimento” partindo das análises de Bandeira (2000) que diz que

os índios são considerados incapazes de civilização. O discurso social sobre o índio passa a idéia de que possui uma mentalidade primitiva, pré-lógica, ingênua, infantil. Se o índio é considerado selvagem, (...) fica implícita sua incapacidade também para a escolarização (p.34).

Por um outro lado, esse querer “tornar-se indígena” talvez se deva pelo fato da propagação da idéia de que os negros são considerados intelectualmente inferiores. Sobre tal concepção, segundo essa mesma autora, se assentam representações negativas da inteligência do negro, considerados “rudes”, com dificuldade para aprender.

De qualquer forma, a competência intelectual de negros e índios é tradicionalmente depreciada em favor dos brancos.

Outro fator relevante é o fato de dois entrevistados que, mesmo sendo classificados pela pesquisadora como mulatos, se declaram negros. Talvez isso possa indicar o reconhecimento da ascendência africana, isto é, a assunção de uma identidade não branca. Um outro depoente, classificado como pardo, também assume a identidade de negro.

Parece que, nestes três casos, foi fundamental o papel que a família desempenhou, pois em seus relatos, são frequentes os exemplos de uma afirmação da identidade negra, vivenciadas no ambiente familiar.

Tinha-se como pressuposto que as pessoas com um maior nível educacional teriam uma percepção mais consistente da própria identidade racial, havendo por isso maior probabilidade de coerência entre autotranscrição e classificação atribuída quando se trata de pessoas com escolaridade mais elevada, pois para Telles e Lim (1999) a escolaridade tem um efeito significativo sobre o modo como os indivíduos se classificam. Logo, as pessoas com um menor nível de escolaridade tenderiam a uma classificação inconsistente.

No entanto, pode-se concluir que as categorias escolhidas pela pesquisadora não foram as escolhidas pelos entrevistados. Telles e Lim (1999) alertam para o fato de

que essa inconsistência “não indica necessariamente um erro nas respostas, mas antes revela que a classificação racial está sujeita a diferenças de percepção social” (p.24).

Pinto (1996) destaca que “(...) a terminologia da cor usada pelas pessoas, especialmente as negras, para se autotranscreverem e transcreverem o outro é muito fluída. Ela muda com a faixa etária, o contexto espacial e temporal e, mesmo social: o nível educacional, a renda, o nível de contato com o branco” (p. 22).

Na entrevista, também se perguntou aos alunos se a categoria escolhida por ele serviria para classificar seus pais. Percebeu-se que os depoentes sentiram dificuldade ao tentar classificar seus pais. Alguns ficavam muito pensativos, mas no final, acabavam escolhendo uma categoria para classificá-los.

Ainda que se tenha frisado bem que esta classificação seria baseada apenas nas categorias utilizadas pelo IBGE, apareceu uma diversidade de termos que merecem comentários. Encontraram-se expressões que tentam suavizar a cor: “praticamente branco”, “meio branquinha”, “morena”, ou seja, alguns entrevistados procuram utilizar-se de termos que amenizam ou anulam o aspecto “negativo” que a cor negra tem em nossa sociedade. Há um deslizar dos pesquisados pelos termos que branqueiam a cor da pele. Supõe-se que seja uma fuga do racismo, dos preconceitos arraigados, dados os significados sociais que eles têm em suas vidas.

Embora não existindo a opção “morena” e “bem morena” nas categorias apresentadas, este termo surge pela aceitação que parece desfrutar no Brasil, como pelo amplo debate que envolve o seu uso.

Silva (1996) procura compreender o significado da difundida utilização dessa categoria no Brasil. Observa que “moreno” é um termo de amplo uso entre os brasileiros, lembrando que “até mesmo indivíduos fenotipicamente brancos preferem se auto-denominar morenos” (p.80).

Para Andrews (1988), ao contrário do ‘pardo’ ou do ‘preto’, o ‘moreno’ “não indica automaticamente uma ancestralidade africana” (p. 385). Fry (1995) afirma que a aplicação destes termos é um dos indicadores do que ele chama de ‘desracialização’ da identidade individual (p.132). Para este autor, a desracialização estaria na possibilidade de uma grande gama de “aparências” que podem incluir descendentes de europeus, de africanos, entre outros.

Ao utilizarem as classificações “bem branca”, “totalmente branca”, “puxa pro lado do índio e do branco”, “meio índio e meio branquinho”, “meio índia, meio

árabe”, “branquinha”, “branco para indígena” parece-nos que há uma tentativa de se distanciar da categoria preta e parda, como revela Munanga (1999): “há uma tendência entre os brasileiros a utilizar elementos simbólicos de fuga de sua caracterização racial e se nomear, o mais próximo do modelo do branco”. Especialmente sobre os termos no diminutivo “meio branquinho” e “branquinha”, Teixeira (1986) afirma que esta é uma “maneira empregada para aproximar, uma forma carinhosa e intimidadora, que serve por sua vez para atenuar as diferenças e as distâncias de cor” (p.28).

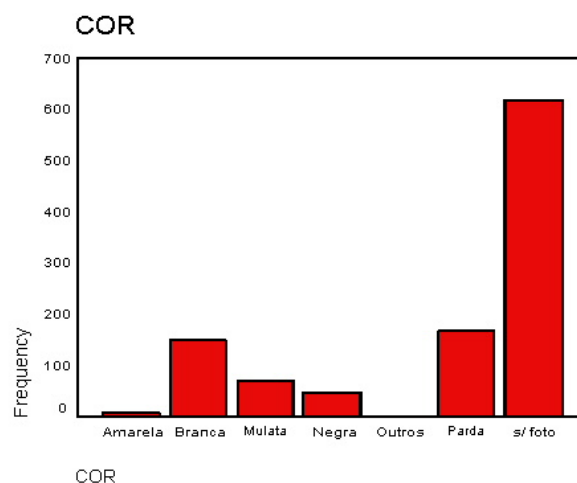
2. Perfil dos Alunos de História, Economia e Direito.

Através do mapa construído a partir dos dados da CAE, elaborou-se, para cada um dos cursos tabelas contemplando a comparação: Cor e Curso, Cor e Sexo, Cor e Tempo que levou para concluir o Ensino Médio, Cor e Idade de Entrada na UFMT, Cor e Fluxo de Alunos. No que se refere Cor² é possível observar os seguintes resultados:

² Utilizou-se para classificação da “cor” dos alunos as categorias: pretos, mulatos, pardos, amarelos e brancos. Criou-se a categoria “sem foto” porque a partir de 2001 não foi solicitada pela CAE a fotografia 3X4 dentre os documentos necessários para efetuar a matrícula e, em outros anos, extraviaram-se algumas fotos dos alunos.

TABELA 03: DADOS REFERENTES AOS CURSOS DE DIREITO, ECONOMIA E HISTÓRIA SEGUNDO A COR/RAÇA.

COR		
Cor	N	%
Amarela	9	0,9
Branca	148	13,9
Mulata	71	6,7
Preta	48	4,5
Parda	168	15,8
Sem foto	617	58,0
Outros ³	2	0,2
Total	1063	100,0



As tabelas a seguir foram tabuladas a partir de um total de 444 alunos, pois dos 1063 alunos pesquisados, 617 não possuíam foto e 2 das fotos estavam ilegíveis. Para dar maior visibilidade à questão da presença do aluno negro na UFMT, será feita uma comparação dos dados do nosso levantamento com os resultados do 1º Censo Étnico-Racial da UFF e UFMT, realizado em 2003.

2.1 - Distribuição por Cor ou Raça segundo o Curso

Uma das questões do Censo era para o aluno definir sua cor ou raça, tomando por base as categorias utilizadas pelo Censo do IBGE. Ao se comparar os dados do Censo com a população de Mato Grosso, pode-se observar que o percentual de alunos brancos (40,1%) quase se iguala ao do Estado (39,8%), já os negros (50,5%) ainda estão sub-representados, uma vez que no estado constituem (56,9%). O Censo aponta também que os brancos obtêm frequência relativa maior que sua média na

³ A categoria “Outros” foi utilizada representando 2 fotos que estavam ilegíveis.

universidade, nos três cursos mais disputados da UFMT e, que nos cursos menos disputados, os pretos são mais frequentes.

O que significa dizer que quando se trata de analisar cursos mais disputados no vestibular (Direito é o segundo curso mais concorrido, ficando abaixo de Medicina), o número de negros fica abaixo de 50%. E nos cursos menos disputados (História é um dos oito menos concorridos) os negros chegam praticamente a 60%.

O levantamento⁴ aponta que há no curso de Direito uma aproximação da categoria parda à categoria branca, onde estes últimos são majoritários. Já nos cursos de Economia e História, os pardos se sobrepõem aos brancos.

Uma das conclusões que foi possível chegar é a de que quanto mais escura a cor da pele mais difícil se torna entrar numa universidade e que estes, ao ingressarem, vão para os cursos menos concorridos e, conseqüentemente, cursos de menor prestígio social.

Tabela 04 - Distribuição por Cor ou Raça segundo o Curso

CURSO	AMARELO		BRANCA		MULATA		PARDA		PRETA		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
DIREITO	6	3,5%	75	44,1%	20	11,7%	62	36,4%	7	4,1%	170	100%
ECONOMIA	3	2,0%	51	34,0%	22	14,6%	56	37,3%	18	12,0%	150	100%
HISTÓRIA	0	0	22	17,7%	31	25,0%	48	38,7%	23	18,6%	124	100%

Na tabela acima, ao se analisar apenas as categorias mulata e preta, verifica-se que o número de alunos, nestas categorias, começando pelo curso de Direito, passando por Economia e História vai aumentando gradativamente. E o que chama a atenção é que se compararmos estas duas categorias, os pretos estão ainda em menor número. É importante destacar que somente no curso de História a categoria preta sobrepõe a categoria branca, ainda que esta diferença seja ínfima: são 23 pretos para 22 brancos.

2.2 - Distribuição dos Alunos por Cor ou Raça segundo o Sexo

Segundo o Censo, a UFMT possui mais alunas do que alunos (50,06% e 49,84% respectivamente). Os dados do curso de História obtidos nesta pesquisa coincidem com os do Censo. Dos 124 alunos que foram mapeados, 79 são do sexo

⁴ Neste levantamento considera-se negros os alunos identificados enquanto pardos, mulatos e pretos.

feminino e 45 são do sexo masculino. Já Direito é um curso mais masculino: são 94 alunos para 76 alunas. Sampaio (s/data) em trabalho realizado para o NUPES, constata que os formandos homens são majoritários nas universidades públicas. Segundo essa pesquisadora, a presença masculina é predominante nos cursos mais concorridos, como Engenharia, Medicina e Direito. Sampaio ainda acrescenta que esses dados parecem apontar para a existência de alguma forma de discriminação nas universidades públicas no acesso da mulher a algumas carreiras mais competitivas.

Tabela 05 - Análise do Perfil dos Alunos do Curso de Direito da UFMT, tendo por base a relação entre a Cor e o Sexo

Sexo	Cor											
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	3	3,9%	39	31,6%	2	31,6%	24	31,6%	2	2,6%	76	100,0%
Masculino	3	3,2%	36	40,4%	5	40,4%	38	40,4%	5	5,3%	94	100,0%
Total	6	3,5%	75	36,5%	7	36,5%	62	36,5%	7	4,1%	170	100,0%

Economia também é um curso mais masculino. No entanto, a diferença é menor do que em Direito: são 70 mulheres para 80 homens. Analisando por cor, nos cursos de Economia e História, as mulheres negras estão super representadas. Em Economia são 46 negras para 22 brancas.

Tabela 06 - Análise do Perfil dos Alunos do Curso de Economia da UFMT, tendo por base a relação entre a Cor e o Sexo

Sexo	Cor											
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	2	2,9%	22	31,4%	10	14,3%	27	38,6%	9	12,9%	70	100,0%
Masculino	1	1,3%	29	36,3%	12	15,0%	29	36,3%	9	11,3%	80	100,0%
Total	3	2,0%	51	34,0%	22	14,7%	56	37,3%	18	12,0%	150	100,0%

Em História são 63 negras para 16 brancas. É no curso de Direito que as alunas brancas se sobrepõem às alunas negras. Aqui, pode-se observar outro dado. É neste curso que as brancas e pardas se aproximam consideravelmente (31 brancas e 24 pardas), evidenciando uma significativa distância destas para com as pretas e mulatas: aqui, há apenas 2 alunas mulatas e 2 alunas pretas.

A significativa presença de formandas mulheres que se verifica em algumas carreiras sugere a ocorrência, segundo Scharzman (1990) de uma espécie de

feminização. É o que ocorre no curso de História. Do universo pesquisado, é o curso que tem mais mulheres, conforme pode ser verificado na tabela 07.

Tabela 07 - Análise do Perfil dos Alunos do Curso de História da UFMT, tendo por base a relação entre a Cor e o Sexo

Sexo	Cor										Total	
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	0	0	16	20,30%	20	25,30%	30	38,00%	13	16,50%	79	100,0%
Masculino	0	0	6	13,30%	11	24,40%	18	40,00%	10	22,20%	45	100,0%
Total	0	0	22	17,70%	31	25,00%	48	38,70%	23	18,50%	124	100,0%

Como foi dito anteriormente, a UFMT revela este quadro de uma maioria feminina. Segundo o relatório do NUPES (s/data), no Brasil, a afirmação de que as mulheres jovens apresentam uma escolaridade média superior à dos rapazes não causa surpresa. Segundo dados da PNAD/97, enquanto 15,6% das moças tinham até três anos de escolaridade em 1997, os rapazes, nessa mesma situação, representavam 21,8%. Em relação a outros países em desenvolvimento, trata-se de um resultado surpreendente, já que a diferença entre os anos de escolaridade masculina e feminina é um indicador privilegiado na constatação da desigualdade entre os sexos.

2.3 - Distribuição dos Alunos por Cor ou Raça segundo o Tempo para Conclusão do Ensino Médio.

Tabela 11 - Análise do Perfil dos Alunos do Curso de História da UFMT, tendo por base a Cor e o Tempo p/ conclusão do Ensino Médio

Tempo p/ Terminar o Ensino Médio	Cor										Total	
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Três anos	0	0	0	0	4	50,0%	3	37,5%	1	12,5%	8	100,0%
Mais de três anos	0	0	0	0	0	0	1	100,0%	0	0	1	100,0%
Menos de três anos	0	0	21	19,3%	26	23,9%	40	36,7%	22	20,2%	109	100,0%
Total	0	0	22	17,7%	31	25,0%	48	38,7%	23	18,5%	124	100,0%

A partir das tabelas destes três cursos com relação ao tempo que os alunos levaram para concluir o Ensino Médio chegou-se ao resultado de que, enquanto 132 alunos de Direito concluíram o Ensino Médio em 3 anos (o que é considerado um tempo ideal), apenas e tão somente 8 alunos de História concluíram este nível de ensino neste tempo. Vale destacar que apenas 1 aluno de História completou o Ensino Médio em 4 anos. Isto porque a maioria dos alunos de História completa este nível de ensino

com menos de 3 anos, ou seja, 109 dos 124 alunos analisados concluem o Ensino Médio na modalidade supletivo. E o que é mais grave: os negros, aqui, ultrapassam os 80%.

No curso de Direito, o número de alunos que levou mais tempo para concluir o Ensino Médio cai para 13. Desse total, 08 alunos, pardos e mulatos, concluíram esse nível de ensino através do supletivo.

Tabela 12 - Análise do Perfil dos Alunos do Curso de Direito da UFMT, tendo por base a Cor e o Tempo p/ conclusão do Ensino Médio

Tempo p/ Terminar o Ensino Médio	Cor											
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Três anos	5	3,8%	60	45,5%	15	11,4%	47	35,6%	5	3,8%	132	100,0%
Mais de três anos	0	0	4	33,3%	1	8,3%	6	50,0%	1	8,3%	12	100,0%
Menos de três anos	0	0	5	38,5%	3	23,1%	5	38,5%	0	0	13	100,0%
Total	6	3,5%	75	44,1%	20	11,8%	62	36,5%	7	4,1%	170	100,0%

O curso de Economia, neste aspecto, assemelha-se ao curso de História. Dos 150 alunos, 127 cursaram o supletivo. Se desmembrarmos por cor, veremos que 65,3% desse grupo é formado por mulatos, pardos e pretos. O grupo dos brancos que cursaram o supletivo totaliza 42 alunos (33,1%). Sobre esta modalidade de ensino, Silva Jr.(2002) relata que “o termo supletivo – cunhado na década de 30 – (...) já nasce carregado de um caráter pejorativo, motivado pela idéia de uma noção educativa parcial, concentrada, limitada e limitante” (p.18). Segundo este autor, os conteúdos não discutem qualidade de vida, igualdade de condições e os “mecanismos que os colocaram fora do ensino regular e precocemente no mercado de trabalho” (p.19). Daí a dificuldade que estes alunos encontram de ingressar numa universidade pública ao competirem com alunos que têm uma trajetória escolar cursada de forma regular, em escolas privadas.

Tabela 13 - Análise do Perfil dos Alunos do Curso de Economia da UFMT, tendo por base a Cor e o Tempo p/ conclusão do Ensino Médio

Tempo p/ Terminar o Ensino Médio	Cor											
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Três anos	1	8,3%	3	25,0%	2	16,7%	4	33,3%	2	16,70%	12	100,0%
Mais de três anos	0	0	1	33,3%	0	0	2	66,7%	0	0	3	100,0%
Menos de três anos	2	1,6%	42	33,1%	20	15,7%	47	37,0%	16	12,60%	127	100,0%
Total	3	2,0%	51	34,0%	22	14,7%	56	37,3%	18	12,00%	150	100,0%

Ainda está sendo processado o conjunto de dados do Censo Étnico-Racial da UFMT, portanto, não estão disponíveis as tabelas que cruzam cor X tempo de conclusão do Ensino Médio. Entretanto, já foram tabulados os dados sobre o tipo de instituição de Ensino Médio freqüentado pelos estudantes da UFMT e concluiu-se que os pretos, pardos e indígenas estudaram muito mais em escolas públicas do que os brancos. Já os brancos estudaram muito mais em escolas privadas.

2.4 - Distribuição dos alunos por Cor ou Raça segundo a Idade de Entrada na Universidade

Tabela 14 - Análise do Perfil dos alunos do curso de Direito da UFMT, tendo por base a relação entre a Cor e a Idade de Entrada na Universidade

Idade de Entrada	Cor										Total	
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 19 anos	1	2,0%	26	51,0%	4	7,8%	20	39,2%	0	0	51	100,0%
Entre 19 e 20 anos	0	0	27	61,4%	3	6,8%	14	31,8%	0	0	44	100,0%
Entre 21 e 22 anos	0	0	8	40,0%	4	20,0%	6	30,0%	2	10,0%	20	100,0%
Entre 23 e 24 anos	0	0	4	57,1%	1	14,3%	2	28,6%	0	0	7	100,0%
Entre 25 e 26 anos	1	10,0%	1	10,0%	2	20,0%	4	40,0%	2	20,0%	10	100,0%
Entre 27 e 28 anos	1	20,0%	1	20,0%	0	0	2	40,0%	1	20,0%	5	100,0%
Entre 29 e 30 anos	0	0	2	33,3%	0	0	3	50,0%	1	16,7%	6	100,0%
Entre 31 e 32 anos	2	28,6%	3	42,9%	1	14,3%	1	14,3%	0	0	7	100,0%
Entre 33 e 42 anos	1	6,7%	2	13,3%	4	26,7%	7	46,7%	1	6,7%	15	100,0%
Mais de 42 anos	0	0	1	20,0%	1	20,0%	3	60,0%	0	0	5	100,0%
Total	6	3,5%	75	44,1%	20	11,8%	62	36,5%	7	4,1%	170	100,0%

Enquanto 95 alunos de Direito ingressaram na universidade até os 20 anos de idade, somente 55 alunos de Economia e 30 alunos de História realizam este feito. Este, por si só, já é um dado importante. Isto se dá pelo fato de que os alunos negros ingressam mais cedo no mercado de trabalho para ajudar no sustento da família, colocando o estudo em segundo plano. Agora, ao se analisar a entrada na universidade com menos de 19 anos têm que em Direito são 51 alunos, em Economia são 18 alunos e em História, 10. Analisando por cor verá-se que nos cursos de Direito e Economia, os brancos são maioria. Isso leva a conclusão de que os alunos de Direito, além de concluírem o Ensino Médio de forma regular, entram mais cedo na universidade. A respeito, pode-se concluir que alunos que ingressam mais cedo, possivelmente tiveram uma trajetória escolar menos acidentada, mais suave, mais confortável.

Tabela 15 - Análise do Perfil dos alunos do curso de Economia da UFMT, tendo por base a relação entre a Cor e a Idade de Entrada na Universidade

Idade de entrada	Cor										Total	
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 19 anos	0	0	9	50,0%	3	16,7%	4	22,2%	2	11,1%	18	100,0%
Entre 19 e 20 anos	1	2,7%	10	27,0%	8	21,6%	13	35,1%	5	13,5%	37	100,0%
Entre 21 e 22 anos	1	4,8%	6	28,6%	1	4,8%	10	47,6%	3	14,3%	21	100,0%
Entre 23 e 24 anos	0	0	10	35,7%	3	10,7%	11	39,3%	4	14,3%	28	100,0%
Entre 25 e 26 anos	1	9,1%	5	45,5%	1	9,1%	3	27,3%	1	9,1%	11	100,0%
Entre 27 e 28 anos	0	0	3	42,9%	1	14,3%	3	42,9%	0	0	7	100,0%
Entre 29 e 30 anos	0	0	1	100,0%	0	0	0	0	0	0	1	100,0%
Entre 31 e 32 anos	0	0	1	16,7%	1	16,7%	2	33,3%	2	33,3%	6	100,0%
Entre 33 e 42 anos	0	0	5	27,8%	4	22,2%	9	50,0%	0	0	18	100,0%
Mais de 42 anos	0	0	1	33,3%	0	0	1	33,3%	1	33,3%	3	100,0%
Total	3	2,0%	51	34,0%	22	14,7%	56	37,3%	18	12,0%	150	100,0%

Na tabela 15 pode-se observar que no curso de Economia, 64% dos alunos do grupo preto, pardo e mulato ingressaram na universidade na faixa etária dos 23 aos 26 anos. Pode-se considerar, assim, que os alunos negros ingressam mais tarde na universidade e os alunos brancos, mais cedo.

Em História, somente 10 alunos ingressam na universidade com menos de 19 anos, conforme pode ser observado na tabela abaixo. É interessante observar que, neste curso, os pardos são os que entram mais cedo na universidade, com menos de 19 anos. O que remete à idéia de que quando se trata de entrar mais cedo para a universidade, os pretos e mulatos são os que menos estão representados.

Tabela 16 - Análise do Perfil dos alunos do curso de História da UFMT, tendo por base a relação entre a Cor e a Idade de Entrada na Universidade

Idade de Entrada	Cor										Total	
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 19 anos	0	0	1	10,0%	2	20,0%	4	40,0%	3	30,0%	10	100,0%
Entre 19 e 20 anos	0	0	6	30,0%	4	20,0%	8	40,0%	2	10,0%	20	100,0%
Entre 21 e 22 anos	0	0	4	18,2%	5	22,7%	7	31,8%	6	27,3%	22	100,0%
Entre 23 e 24 anos	0	0	0	0	4	30,8%	7	53,8%	2	15,4%	13	100,0%
Entre 25 e 26 anos	0	0	2	22,2%	2	22,2%	2	22,2%	3	33,3%	9	100,0%
Entre 27 e 28 anos	0	0	3	23,1%	6	46,2%	1	7,7%	3	23,1%	13	100,0%
Entre 29 e 30 anos	0	0	2	18,2%	2	18,2%	7	63,6%	0	0	11	100,0%
Entre 31 e 32 anos	0	0	0	0	1	20,0%	2	40,0%	2	40,0%	5	100,0%
Entre 33 e 42 anos	0	0	3	17,6%	4	23,5%	9	52,9%	1	5,9%	17	100,0%
Mais de 42 anos	0	0	1	25,0%	1	25,0%	1	25,0%	1	25,0%	4	100,0%
Total	0	0	22	17,7%	31	25,0%	48	38,7%	23	18,5%	124	100,0%

No Censo Étnico-Racial, constata-se que os pretos e pardos são mais velhos que os brancos na UFMT.

2.5 - Distribuição por Cor ou Raça segundo o Fluxo de Alunos

Analisando o perfil dos estudantes destes três cursos pode-se afirmar que os alunos de História são o que menos se movimentaram, são os que menos mudaram de curso (6 alunos de História, 13 de Economia e 26 de Direito). O que implica dizer que os alunos da UFMT, ao solicitarem mudança de curso, procuram mais o curso de Direito do que o de História.

Fluxo de Alunos	Cor											
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Mudou de Curso	0	0	0	0	1	16,7%	3	50,0%	2	33,3%	6	100,0%
Mudou de Turno	0	0	0	0	1	100,0%	0	0,0%	0	0	1	100,0%
Possui outra graduação	0	0	1	25,0%	1	25,0%	2	50,0%	0	0	4	100,0%
Reprovou por um ou mais anos	0	0	1	20,0%	1	20,0%	2	40,0%	1	20,0%	5	100,0%
Total	0	0	22	17,7%	31	25,0%	48	38,7%	23	18,5%	124	100,0%

Os brancos, os pardos e mulatos são o que mais procuram o curso de Direito. Como podemos verificar na tabela abaixo, somente um aluno de cor preta mudou para o curso de Direito, enquanto 5 mulatos, 9 brancos e 10 pardos fizeram o mesmo. Em Economia, nenhum preto mudou para este curso.

Fluxo de Alunos	Cor											
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Mudou de Curso	1	3,8%	9	34,6%	5	19,2%	10	38,5%	1	3,8%	26	100,0%
Mudou de Turno	0	0	5	62,5%	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%	8	100,0%
Possui outra graduação	1	5,3%	10	52,6%	1	5,3%	6	31,6%	1	5,3%	19	100,0%
Reprovou por um ou mais anos	1	16,7%	0	0	2	33,3%	3	50,0%	0	0	6	100,0%
Total	6	3,5%	75	44,1%	20	11,8%	62	36,5%	7	4,1%	170	100,0%

Os alunos de História são os que menos mudaram de turno (01 de História, 08 de Direito e 11 de Economia), uma vez que a grande maioria trabalha, não podendo

assim mudar o período em que estuda. Em Economia e Direito, os brancos são os que mais mudam de turno.

No que se refere ao fato de possuir uma outra graduação, o curso de Direito lidera ao apresentar 19 alunos nesta condição. Em Economia são 09 alunos e em História, 04.

Ao analisar quem reprova mais se verificou que no curso de História estão os alunos que menos são reprovados, perfazendo um total de 05 alunos. Direito se aproxima com 6 alunos que já reprovaram e Economia apresenta uma distância significativa destes, ao apresentar 12 alunos que já reprovaram por um ou mais anos.

Fluxo de Alunos	Cor										Total	
	Amarela		Branca		Mulata		Parda		Preta		N	%
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Mudou de Curso	0	0	3	23,1%	3	23,1%	7	53,8%	0	0	13	100,0%
Mudou de Turno	0	0	6	54,5%	1	9,1%	3	27,3%	1	9,1%	11	100,0%
Possui outra graduação	1	11,1%	1	11,1%	1	11,1%	3	33,3%	3	33,3%	9	100,0%
Reprovou por um ou mais anos	0	0	6	50,0%	1	8,3%	5	41,7%	0	0	12	100,0%
Total	3	2,0%	51	34,0%	22	14,7%	56	37,3%	18	12,0%	150	100,0%

No curso de Economia, os brancos e pardos são mais reprovados. O que não ocorre no Direito, pois não há sequer nenhum registro de reprovação de aluno branco. Os mais reprovados neste curso são os pardos (3), mulatos (2) e amarelo (1).

A partir da análise do perfil dos alunos desses três cursos, constituído a partir dos dados cadastrais, constata-se que quanto mais escura a cor da pele, mais difícil se torna entrar na universidade e que estes, quando ingressam, vão para os cursos menos concorridos e, conseqüentemente, cursos de menor prestígio social. Neste caso, os pretos estão mais nos cursos de História e Economia do que em Direito. Uma outra conclusão que foi possível chegar é que História é o único curso em que as mulheres são maioria. Ainda que Economia seja um curso mais masculino, as mulheres negras estão super representadas, assim como em História. São os alunos de Direito que concluem o Ensino Médio de forma regular e entram mais cedo na universidade. A grande maioria dos alunos de História completa o Ensino Médio com menos de 3 anos, ou seja, na modalidade supletivo. Dentre estes, os negros estão super representados. Quando se trata de analisar a trajetória destes alunos na universidade, veremos que os negros são os

que menos mudam de turno, menos trocam de curso e o que menos possuem outra graduação. Parece-nos que isso ocorre devido à dupla jornada entre universidade e trabalho. Tendo que trabalhar para aqui se manter, estes alunos concentram suas disciplinas em um só período para estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, G.R. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru, SP: EDUSG, 1988.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Antropologia: Diversidade e Educação*. 2. ed. ver. Cuiabá: EdUFMT, 2000. Fascículo 4.

BRANDÃO, André Augusto Pereira. Raça, demografia e indicadores sociais. In: OLIVEIRA, Iolanda de. (Org.) *Relações Raciais e Educação: novos desafios*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 19-72.

Censo Étnico-Racial da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal de Mato Grosso: dados preliminares. BRANDÃO, André A P; Teixeira, MOEMA De Poli.(Orgs) Niterói: EdUFF, 2003.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.

FRY, Peter. *O que a Cinderela Negra tem a dizer sobre a 'política racial' no Brasil*. Revista da USP. São Paulo (28), Dez./Fev., 1995/96, 122-135.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MUNANGA, Kabengele (Org.) *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria do Ensino Fundamental, 1999.

OLIVEIRA, Iolanda de. *Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude*. Niterói: Intertexto, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Helena G. de et al. *O lugar do negro na força de trabalho*. Rio de Janeiro: IBGE, 1985.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. *O sistema classificatório de "cor ou raça" do IBGE*. IPEA Texto para discussão nº 996. Brasília, nov. 2003.

PINTO, Regina Pahim. *A importância da participação comunitária na questão da educação e da pobreza*. Textos FCC. São Paulo: n.9, p.1-80, 1996.

SAMPAIO, Helena. *A desigualdade no acesso ao ensino superior: observações preliminares sobre os afro-descendentes*. NUPES (s/data).

SCHWARCZ, L. M. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARTZMAN, S. *Tradição e modernidade na universidade brasileira*. São Paulo, 1990 mimeo.

SILVA, Nelson do Valle. *Morenidade: modo de usar*. Caderno cândido Mendes. Estudos Afro-Asiáticos 30, 1996.

SILVA Jr., Hédio. *Discriminação racial nas escolas: entre as leis e as práticas sociais*. Brasília: UNESCO, 2002.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TEIXEIRA, Moema De Poli. *Família e identidade racial: os limites da cor nas relações e representações de um grupo de baixa renda*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1986. Dissertação de Mestrado.

_____. *Negros na Universidade: identidade e trajetória de ascensão social no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003a.

_____. Negros egressos de uma universidade pública no Rio de Janeiro. In: *Relações Raciais e Educação: novos desafios*. OLIVEIRA, Iolanda de. (Org.) Rio de Janeiro: DP&A, 2003b. p. 193-208.

TELLES, Edward Erick.; LIM, Nelson. *Interessa quem responde à questão sobre a cor? Classificação racial e desigualdade de raça no Brasil*. Estudos Afro-Asiáticos, (36): 7-27, dez., 1999.

WOOD, Charles. Categorias censitárias e classificações subjetivas de raça no Brasil. In: LOVELL, P. (Org.) *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo*. CEDEPLAR/FACE/UFGM, 1991, p. 93-109.